Capítulo 4: Você É Tóxico?

No Rio, eu estava tentando montar um negócio em torno das barracas de praia. Para quem não sabe, barraca é tenda em português, ou qualquer estande com uma lona para o sol não castigar você. Eu acho. Por favor, não tome minha explicação como fato. Lembre-se: noa fala portuguse.

Para levar movimento às barracas, “formei” uma comunidade de gringos chamada Carioca Coastal Club e organizei encontros na praia. Se você já esteve na Argentina ou no Rio, é parecido com o MundoLingo, uma troca de idiomas, só que o lugar é uma barraca, não um bar. Eu levava o entretenimento: uma mesa de beer pong e uma caixa de som JBL que, famosamente, tinha CPF próprio. Estrangeiro não leva um cooler com caixa de som nas férias. Eu, tristemente famoso por isso, levei, numa viagem a Cancún.

Eu organizei vários desses encontros, mas um se destaca. Foi um dia de praia bem sem graça: sem tema, sem mesa, só uma bola de futebol americano (uma novidade no Rio) e minha caixa de som. Como sempre, meus amigos vieram e fomos acumulando aos poucos o que carinhosamente chamo de “aleatórios”.

Como anfitrião, e por necessidade própria, eu tento levar mulheres para o grupo. Muitos dos gringos que aparecem querem saber onde estão as mulheres gatas, e eu dou um sorrisinho de canto toda vez que alguém pergunta. As mulheres que vêm costumam ser mais reservadas. Como todo homem, vou dar minha opinião sobre isso: se eu estivesse quase pelado numa praia, também seria exigente sobre onde estender minha canga.

Também tenho conversas mais profundas e melhores com mulheres. Sempre que mais de dois caras se juntam, aos poucos vira uma disputa para ver quem é o macho alfa, e eu acho isso muito desconfortável. A maioria dos meus amigos mais próximos são homens, e eles são diferentes do mesmo jeito que eu. Mesmo assim, muitas vezes faço yoga ou arrumo qualquer desculpa para sair e ir conversar com o grupo de mulheres mais próximo.

Nesse dia em particular, estávamos passando a bola. Reparei numa garota de biquíni marrom, num grupo sentado perto de nós. Vou chamá-la de B. Eu a achei atraente, então fiz questão de olhar naquela direção, fazer contato visual e sorrir: Olá, sou praticamente inofensivo. Vem lançar a bola com a gente. A B estava morna. Mas a amiga dela me deu os sinais.

Lembro que eu estava tentando fazer a B lançar a bola. Ela tentou sem muito empenho, desistiu e foi conversar com a amiga enquanto eu fazia minha imitação do Patrick Mahomes. Vi as duas conversando. Foi quando percebi que a amiga, que agora eu achava mais atraente, estava me dando sinais de que estava interessada. Ela acabou vindo até mim e pediu para aprender a lançar a bola. Foi muito fofo, e eu tentei ensinar com prazer.

Depois disso, ela e as amigas entraram no nosso grupo. Essa é sempre a parte mais difícil. Isso me lembra dos dias de praia com minha ex-esposa. Isso mesmo, acabei me divorciando da minha esposa do Capítulo 1. Eu a levava junto, e curtia mais a praia porque já tinha uma mulher no grupo. Eu não precisava terceirizar isso.

Em algum momento, troquei contato com a amiga da B, aquela que eu “realmente” ensinei a lançar a bola. Eu sabia que todos os solteiros iam tentar a sorte com ela. Mandei uma mensagem: “Prazer em te conhecer. Escolhe o certo, hein.” Talvez uma hora depois, eu estava sentado de costas para ela, conversando com alguém. De repente, alguém interrompeu minha conversa. Ela estava de pé sobre mim, olhando para baixo, e disse: “Você é tóxico?” Por um instante pensei: de onde isso veio? Aí vi o celular na mão dela. Ela tinha lido minha mensagem.

Consegui ligar todos os pontos quase em tempo real, apesar de ela ter, de fato, interrompido o que certamente seria uma conversa fascinante. Respondi: “É, um pouquinho.” Ela deu um sorrisinho de canto e começou a me beijar. O que fez esse momento ficar na minha memória: quase imediatamente depois do beijo, ela voltou ao que estava fazendo. Meu amigo R veio correndo com um sorrisão no rosto. Não lembro as palavras exatas, mas foi algo como: “Maaanoooo, logo depois que ela te beijou, eu comecei a beijar a menina de marrom.” (Era a B, a garota por quem eu tinha me interessado primeiro.) Sorri, ri e dei aquele meu dar de ombros.

O que tornou tudo ainda melhor: eu tinha aproveitado o dia um pouco demais. Não costumo beber muito. É o Rio; já é perigoso o bastante sem ser o bêbado desengonçado tentando voltar para casa. Eu também costumo levar tudo o que tenho para a praia. Acho que ter sido drogado e roubado me ensinou que posso perder tudo e ainda ficar bem.

Acordei no dia seguinte e escrevi no grupo que uso para organizar todos os encontros na praia, com mais de duzentas pessoas, agradecendo a todos pelo bom momento e dizendo que eu estava tão bêbado que nem lembrava de ter chegado em casa. Menos de um minuto depois, meu melhor amigo C respondeu: “Tudo que eu lembro é de você beijando a argentina mais gata de todas.” Depois brincamos que estamos em tantos grupos juntos que ele respondeu como se fosse uma conversa só entre nós dois. Era um pouco mais do que nós dois.